

ENTREVISTAS

Simonetta Persichetti, crítica de fotografia, professora da Universidade Estadual de Londrina (Brasil) e pesquisadora.

Perguntas para estudo qualitativo:

Você considera a Guerra do Iraque um acontecimento mediático que ainda interessa às pessoas?

Acho que não. Que as pessoas já se cansaram, visto que é sempre a mesma coisa e as imagens divulgadas já se tornaram chatas, no sentido de sem espessura. Acredito que o interesse tenha ido só até à prisão do Saddam Hussein.

Na sua perspectiva o leitor interessado na Guerra do Iraque consegue visualizar de forma fácil a história do conflito na Internet?

Sim, nos vários sites . Talvez nos extra-oficiais seja mais fácil!

Você considera a tecnologia digital importante para a cobertura jornalística da Guerra do Iraque? O que o leitor ganhou com isso?

A tecnologia digital no meu entender veio acrescentar novas questões à visualidade. Ou seja, as pessoas, estão aprendendo a ler imagens, a perceber o discurso escondido por trás de uma estética, visto as grandes discussões sobre manipulação das imagens. Além disso o leitor ganhou em rapidez. É algo, no meu entender psicológico, ou seja, quando você é colocado no centro da ação com palavras como ao vivo, ou agora, você tem a impressão de participar mais de perto do que acontece. Com a imagem digital o leitor tem esta impressão.

Na sua perspectiva quais os pontos positivos e negativos do uso da fotografia digital para cobertura jornalística dos assuntos relacionados com a Guerra do Iraque?

Só vejo aspectos positivos. O fato de várias pessoas utilizarem o digital permite uma multiplicidade de informações, de idéias e de possibilidades de abordar um assunto. Não teríamos sabido das torturas de Abu-Ghraib se as imagens não tivessem sido feitas de forma digital.

Na sua perspectiva, qual o potencial da utilização do ciberespaço e da fotografia digital, amadora ou profissional, na difusão das imagens da Guerra do Iraque face a jornais, revistas e livros, no que diz respeito à difusão e acessibilidade dessa informação?

Acho que a imagem digital ainda está ligada ao fato do momento, ao casual e imediato. Os livros são o aprofundamento, ou seja, um tempo depois, imagens editadas com mais critério, melhor selecionadas. A rapidez do digital nos dá a satisfação primeira da informação, mas não do conhecimento. O que eu acho é que as revistas semanais ou mensais e os livros devem mudar de direção. Ou seja se preocupar muito mais com esta questão de transformar informação (ciberespaço e jornais) em conhecimento.

Você considera que as fotografias na Internet com temas sobre a Guerra do Iraque mostram os diversos lados do conflito?

Acho que mostram o que sempre as imagens de guerra quiseram mostrar. Um lado parcial. Por isso a importância dos sites e das imagens extra-oficiais, onde quem quiser e puder tem outro tipo de informação e pode tirar suas próprias conclusões.

Como analisa o conteúdo informativo dos trabalhos fotográficos das agências Magnum e VIIPhoto na cobertura de assuntos relacionados com a Guerra do Iraque? Qual a sua opinião sobre a neutralidade ou não desses trabalhos?

Não acredito em trabalhos neutros, muito menos nos conflitos de guerra. Há sempre uma postura e uma opinião frente ao caso fotografado

Na sua opinião, se o leitor acompanhar as fotografias do conflito no Iraque pelos jornais e revistas dos quais tem acesso ou acompanhar pela Internet (agências fotográficas, portfólios de fotojornalistas, sites de jornais online) terá o mesmo tipo de conteúdo informativo?

Não. Acho que já respondi acima!

Como vê o papel das fotografias feitas por amadores como fonte de informação visual a ser utilizada pelos jornais impressos?

Veja, estamos falando de uma guerra, de um fato, de um acontecimento que é maior do que a fotografia em si. Portanto se explode uma bomba, se acontece um atentado, a foto do amador desempenha bem a função de informar. Funciona como um registro. O fato, de novo, mais importante que a imagem em si. As primeiras fotos das torres gêmeas foram feitas por amadores, assim como o tsunami ou o atentado ao metro espanhol. Estas imagens cumprem o papel de informar. Claro que devem ser completadas por um profissional do jornalismo que sabe o que é jornalismo e conhece a técnica apropriada para contar uma história de maneira jornalística.

Conhece algum caso de fotografias feitas por amadores que foram usadas para divulgar assuntos relacionados com a Guerra do Iraque?

As de Abu-Ghraib, foram feitas por amadores....

De um modo geral, podemos dizer que na II Guerra Mundial as fotografias carregavam um forte discurso militarista. Por outro lado, na Guerra do Vietnam podemos dizer que o papel se inverteu e o discurso foi a favor das vítimas e consequências. Na sua perspectiva há alguma tendência discursiva possível de se notar nas fotografias encontradas na Internet sobre a Guerra do Iraque?

As guerras não são mais as mesmas, portanto a forma de representá-las não pode ser mais a mesma. Hoje em dia, vejo imagens muito mais estilizadas do que com conteúdo. Por exemplo as imagens do Mauricio Lima, na própria guerra do Iraque. Existe uma nova forma de narrativa. Se me agrada? Não sei. A princípio não, mas pode ser uma nova estética que está se criando.

Tuca Vieira, fotojornalista

Perguntas para estudo qualitativo:

Você considera a Guerra do Iraque um acontecimento mediático que ainda interessa às pessoas?

Acho que não houve "guerra do Iraque", houve a "invasão do Iraque", mas claro que o uso da palavra "guerra" é mais midiático e interessante pra justificar a invasão. Sim, interessa. Menos pelo destino do país, e mais por ser o palco onde se evidenciam os interesses da nação mais poderosa do mundo.

Na sua perspectiva o leitor interessado na Guerra do Iraque consegue visualizar de forma fácil a história do conflito na Internet?

Não, nem na internet, nem em qualquer outra mídia. Um acontecimento tão distante e com tantos interesses políticos e econômicos chega totalmente filtrado até nós, ainda que os jornais impressos sejam melhores que a internet. Um evento como esse se revela melhor na cobertura analítica do que na cobertura "quente",

Você considera a tecnologia digital importante para a cobertura jornalística da Guerra do Iraque? O que o leitor ganhou com isso?

É importante pela demanda da velocidade da informação. Mas o leitor não ganha com isso, ganha a mídia que é mais veloz.

Na sua perspectiva quais os pontos positivos e negativos do uso da fotografia digital para cobertura jornalística dos assuntos relacionados com a Guerra do Iraque?

É positivo à medida em que atende à demanda pela velocidade da informação, mas, justamente essa demanda, impede uma reflexão mais crítica sobre o assunto.

Na sua perspectiva, qual o potencial da utilização do ciberespaço e da fotografia digital, amadora ou profissional, na difusão das imagens da Guerra do Iraque face a jornais, revistas e livros, no que diz respeito à difusão e acessibilidade dessa informação?

A difusão, dentro do ciberespaço, é total. Uma das características mais importantes do mundo digital é a reprodutibilidade total e sem perda de qualidade.

Você considera que as fotografias na Internet com temas sobre a Guerra do Iraque mostram os diversos lados do conflito?

Não. Os fotógrafos são quase todos estrangeiros a serviço da mídia estrangeira, que tem interesses estrangeiros.

Como analisa o conteúdo informativo dos trabalhos fotográficos das agências Magnum e VIIPhoto na cobertura de assuntos relacionados com a Guerra do Iraque? Qual a sua opinião sobre a neutralidade ou não desses trabalhos?

Neutralidade não existe. São agências preocupadas em mostrar sobretudo o "horror da guerra", tanto por preocupações humanitárias legítimas como por "glamorização" da figura do "fotógrafo de guerra". As fotos acabam por dizer mais do fotógrafo do que do conflito em si.

Na sua opinião, se o leitor acompanhar as fotografias do conflito no Iraque pelos jornais e revistas dos quais tem acesso ou acompanhar pela Internet (agências fotográficas, portfólios de fotojornalistas, sites de jornais online) terá o mesmo tipo de conteúdo informativo?

No caso do Brasil, sim, onde não há revistas propriamente de reportagem fotográfica, onde se publicam dez, doze fotos do mesmo fotógrafo. Aqui, o conteúdo da internet é semelhante ao dos jornais.

Como vê o papel das fotografias feitas por amadores como fonte de informação visual a ser utilizada pelos jornais impressos?

É uma fonte riquíssima em conteúdo, a que não tínhamos acesso até recentemente. Mas deve ser utilizada com critério jornalístico.

Conhece algum caso de fotografias feitas por amadores que foram usadas para divulgar assuntos relacionados com a Guerra do Iraque?

As famosas fotos dos soldados americanos humilhando os iraquianos. Não foram feitas com a intenção da publicação, mas é resultado dessa popularização da fotografia.

De um modo geral, podemos dizer que na II Guerra Mundial as fotografias carregavam um forte discurso militarista. Por outro lado, na Guerra do Vietnam podemos dizer que o papel se inverteu e o discurso foi a favor das vítimas e consequências. Na sua perspectiva há alguma tendência discursiva possível de se notar nas fotografias encontradas na Internet sobre a Guerra do Iraque?

A vaidade e a competitividade entre os veículos. De um modo geral, as fotos do Iraque dizem mais a respeito do fotógrafo que se submeteu ao perigo ou ao veículo que enviou os jornalistas. É uma cobertura sobre a própria cobertura. No mundo competitivo da mídia, vence quem supera o outro, em detrimento da informação.

Rodrigo Dionísio, jornalista

Perguntas para estudo qualitativo:

Você considera a Guerra do Iraque um acontecimento mediático que ainda interessa às pessoas?

Se for para uma resposta generalista, diria que não. Mas pensando de uma maneira mais específica acredito ser possível dizer que fatos isolados da guerra ainda chamam atenção (atentados de maior impacto, manifestações de governantes sobre o tema, decisões sobre retiradas de tropas). No Brasil, ao menos, a guerra como um todo, com suas correlações políticas e sociais, de uma maneira mais completa e ampla, perdeu força após o passar do tempo da invasão (a resposta seria totalmente diferente em países diretamente envolvidos com a guerra, tais como EUA ou Inglaterra).

Na sua perspectiva o leitor interessado na Guerra do Iraque consegue visualizar de forma fácil a história do conflito na Internet?

Acredito que sim. Um usuário médio de Internet, com uso de buscadores (Yahoo!, Google) ou mesmo a partir de fontes fixas de informação, pode conseguir uma gama completa e múltipla de informações sobre a invasão (prefiro não usar o termo guerra). Talvez a questão seja a confiabilidade das fontes e a necessidade de informação prévia do leitor/internauta para distinguir isso.

Você considera a tecnologia digital importante para a cobertura jornalística da Guerra do Iraque? O que o leitor ganhou com isso?

Não só no caso da invasão, mas de outros confrontos e mesmo assuntos de impacto mundial, a internet trouxe uma série de benefícios. Como citado antes, a rede permite uma multiplicidade quase sem fim de opções de fontes de informação. De um adolescente iraquiano com um blog à página do Departamento de Estado norte-americano, todas as fontes e opiniões estão abertas e acessíveis. Se falarmos especificamente de jornalismo, ou de espaços oficiais de imprensa, poucos jornais ao redor do mundo hoje não possuem uma página virtual para reproduzir total ou parcialmente seus conteúdos, o que também, novamente, garante uma multiplicidade maior de informação para qualquer um (menos na China, talvez) com uma conexão à rede.

Na sua perspectiva quais os pontos positivos e negativos do uso da fotografia digital para cobertura jornalística dos assuntos relacionados com a Guerra do Iraque?

Creio que mais uma vez vale fazer uma divisão, entre o que é produzido por “cidadãos comuns” ou outros agentes interessados em determinado tema e a dita mídia oficial. Para a imprensa estabelecida, a fotografia digital facilitou a transmissão e a exposição de imagens. Uma foto tirada pela manhã ou à noite no Oriente (dependendo de fuso-horário e prazo de fechamento nas redações) pode estar na manhã seguinte na primeira página dos jornais ou, alguns minutos depois até, na home de um portal noticioso. Mas fora a velocidade, que, sim, é algo importante, não vejo muitos outros ganhos (a fotografia digital em certos aspectos aumentou a possibilidade de ter mais fotos, uma quantidade maior de imagens, mas a grande maioria é descartada ou vira livro, meses depois).

Já para o “cidadão comum”, talvez a fotografia digital e as possibilidades oferecidas virtualmente para a exposição de imagens tenha tido um impacto maior. No caso dos atentados ao metrô de Madri, algumas das principais imagens foram feitas com celulares, por pessoas de fora da grande mídia que estavam no local. As primeiras imagens levadas a público da queda do avião da TAM na avenida Washington Luis em São Paulo estavam no Flickr, minutos após o acidente e enquanto os meios oficiais de imprensa ainda falavam de “explosão dentro de um hangar”.

Ou seja, a fotografia digital garantiu uma pluralidade e uma agilidade para o cidadão comum, mas, considerando-se o sistema tradicional da grande mídia, apenas representou (ou apenas é utilizada) como um passo técnico para encolher prazos e diminuir custos.

Na sua perspectiva, qual o potencial da utilização do ciberespaço e da fotografia digital, amadora ou profissional, na difusão das imagens da Guerra do Iraque face a jornais, revistas e livros, no que diz respeito à difusão e acessibilidade dessa informação?

Acabo voltando um pouco à resposta anterior. A internet e a web 2.0 (participativa) garantem uma pluralidade e uma diversidade de visões talvez nunca vista. No caso específico da fotografia, a rede somada à popularização das câmeras digitais espalhou “olhos” por todo o mundo. Sem entrar no mérito das questões de qualidade e técnicas, não há mais muita diferença entre o fotógrafo contratado pelo jornal e o adolescente com um celular na mão, ambos tem a capacidade de captação da notícia e de exposição de seu material.

A vantagem do “cidadão comum” com a câmera é que, em muitos casos, ele pode ter o acesso a lugares e o tempo de convivência que o fotógrafo profissional não tem. Por outro lado, o fotógrafo do New York Times (por exemplo) tem a garantia de exposição e de um público fiel para suas imagens, enquanto um fotolog com imagens exclusivas e contundentes pode cair em um limbo informático e ter um número baixo, talvez zero, de visitas.

Em resumo, novamente, a internet é mais ampla e plural, entretanto talvez, e inclusive por ser um cardápio tão amplo, a chance de uma informação não encontrar um público é maior. Levando-se em conta que a comunicação depende de um emissor e de um receptor, a mídia tradicional tem os dois pontos desse espectro muito bem definidos e mensuráveis. Na internet, o emissor é, quase sempre, definido e localizável, mas o receptor pode não ser nunca alcançado.

Você considera que as fotografias na Internet com temas sobre a Guerra do Iraque mostram os diversos lados do conflito?

É possível em minha opinião responder essa pergunta de duas maneiras. Conceitualmente, dois fotógrafos, diante de um mesmo fato, dificilmente farão a mesma foto. E levando-se em conta que enquadramento, ângulo, e até a escolha de profundidade de campo podem fazer toda diferença, sim, há vários lados. Isso sem contar a formação e o interesse dos fotógrafos (amadores ou profissionais) de mostrar um lado ou outro, um aspecto ou outro, como positivo ou negativo.

Já pensando-se na temática da guerra (e não só a do Iraque), a maior parte das fotografias, seja feita por quem for, acaba esbarrando em clichês e talvez em um imaginário (ou inconsciente coletivo) sobre a guerra. Armamento, combatentes, destruição, sofrimento... pouco se busca de uma temática diferenciada. Talvez não exista, acho difícil, tempo para outras coisas em zonas de conflito. Entretanto, quando se fala de fotografia de guerra, de uma maneira geral e com raras exceções, desde a Segunda Grande Guerra até as batalhas étnicas na Europa no século XXI, é possível criar uma meia dúzia de categorias e enquadrar as imagens colhidas desde então.

Como analisa o conteúdo informativo dos trabalhos fotográficos das agências Magnum e VIIPhoto na cobertura de assuntos relacionados com a Guerra do Iraque? Qual a sua opinião sobre a neutralidade ou não desses trabalhos?

Por princípio, nenhum trabalho jornalístico é neutro. Todo ele é feito por pessoas e pessoas são movidas por paixões e ideais. Há sim, na imprensa dita séria, uma busca pela imparcialidade. Entretanto, e principalmente na fotografia, a beleza e a dramaticidade são fundamentais para a venda de uma foto, tanto quanto sua atualidade e pertinência para o tema. Não acredito que veículos sérios (e incluo aí as duas agências) tenham interesse em vender um lado ou outro, mas também não acredito em cobertura 100% isenta e neutra.

Na sua opinião, se o leitor acompanhar as fotografias do conflito no Iraque pelos jornais e revistas dos quais tem acesso ou acompanhar pela Internet (agências fotográficas, portfólios de fotojornalistas, sites de jornais online) terá o mesmo tipo de conteúdo informativo?

Não. No mínimo, como citei anteriormente, haverá uma pluralidade de visões maior. Ou mesmo pensando em um mesmo autor, o material da Internet sempre será mais abundante que o publicado em revistas e jornais diários e ou semanais. De 10, 15 fotos editadas em um site, provavelmente uma ou duas foi publicada no jornal ou na revista (com exceções de algum especial, que é cada vez mais raro na mídia diária).

Como vê o papel das fotografias feitas por amadores como fonte de informação visual a ser utilizada pelos jornais impressos?

Como citado anteriormente, no caso do atentado em Madri, a possibilidade de uso já é um fato consumado. Perante a necessidade de imediatismo e de notícias cada vez mais diferenciadas dos grandes veículos, o papel do “cidadão comum” com câmera só deve aumentar. Se por um lado isso traz um aspecto positivo inegável (principalmente em muitos casos para a vendagem dos jornais e a possibilidade de acesso muitas vezes negado ao “fotógrafo profissional estrangeiro”), por outro pode banalizar o trabalho de fotografia. Quando qualquer um pode fazer uma determinada atividade, não há mais motivo para investir na profissionalização desta atividade.

Conhece algum caso de fotografias feitas por amadores que foram usadas para divulgar assuntos relacionados com a Guerra do Iraque?

Salvo engano, os casos mais destacados foram o das imagens feitas de caixões de soldados norte-americanos sendo embarcados para os EUA, com a bandeira do país sobre eles (que ganharam espaço em veículos de todo o mundo e causaram comoção nas famílias norte-americanas) e os vídeos e fotos de torturas na prisão de Abu Ghraib que correrão o mundo e colocaram em xeque, mais uma vez, a presença dos EUA no país.

De um modo geral, podemos dizer que na II Guerra Mundial as fotografias carregavam um forte discurso militarista. Por outro lado, na Guerra do Vietnam podemos dizer que o papel se inverteu e o discurso foi a favor das vítimas e conseqüências. Na sua perspectiva há alguma tendência discursiva possível de se notar nas fotografias encontradas na Internet sobre a Guerra do Iraque?

Não. Desculpe se insisto nisto, mas, mais uma vez, devido à pluralidade de visões, é possível encontrar de tudo. Fotos ufanistas, dedicadas a elevar a moral das tropas ou a ressaltar as qualidades bélicas do homem norte-americano; imagens de cidades arrasadas no Iraque; protestos anti-guerra e anti-Bush; soldados mutilados (como forma de incitar vingança ou de pedir o fim da guerra)... está tudo lá, ao alcance de uma busca. Acredito que só uma pesquisa e uma contagem apuradas poderiam afirmar se há uma tendência, um rumo, mas sem dúvida, mesmo que minoritariamente, cada ponto de vista está exposto e tem espaço.

Mario Lalau, fotojornalista freelancer

Perguntas para estudo qualitativo:

Você considera a Guerra do Iraque um acontecimento mediático que ainda interessa às pessoas?

Sim, acho a Guerra no Iraque foi um acontecimento de extrema relevância para as pessoas. Mesmo após a declaração do fim do conflito, o *aftermath*¹ da Guerra continua sendo importante para pessoas de todos os países.

Na sua perspectiva o leitor interessado na Guerra do Iraque consegue visualizar de forma fácil a história do conflito na Internet?

O interessante na Internet no meu ponto de vista é que as pessoas precisam se empenhar para achar as coisas do seu interesse. E sempre tem conteúdo para atender sua fome pela informação. Depois do aparente fim do conflito as notícias nos principais portais, jornais e blogs estão mais escondidas no Hypertexto. Mas em pouco tempo ainda se encontra material atual e Histórico facilmente.

Você considera a tecnologia digital importante para a cobertura jornalística da Guerra do Iraque? O que o leitor ganhou com isso?

Acho que a tecnologia digital fez toda diferença nesta guerra. Ela transformou para quase tempo real a percepção dos acontecimentos do conflito. Além de proporcionar material possivelmente considerado “confidencial” como no caso das torturas fotografadas por celulares e cameras digitais. A digitalização da imagem ajudou a fugir das censuras impostas pelos Americanos porque facilitou a transmissão e proporcionou uma maior quantidade de fotos aumentando a dificuldade para controlar e censurar o material. Para o leitor o ganho foi justamente essas informações mais rápidas e sem censura.

Na sua perspectiva quais os pontos positivos e negativos do uso da fotografia digital para cobertura jornalística dos assuntos relacionados com a Guerra do Iraque?

Acho que os pontos negativos são os mesmos que a digitalização da imagem proporcionou para o Jornalismo em geral. A digitalização transforma a fotografia jornalística em um produto de consumo. A imagem ilustrativa ganha mais espaço que a imagem informativa. Não acho que os fotógrafos não fazem mais a fotografia de informação, mas como em toda indústria eles sofrem filtros que impossibilitam a veiculação destas imagens em grandes veículos. A manipulação de imagem mais facilmente encontrado devido as tecnologias digitais diminuíram a credibilidade da imagem como documento jornalístico. Os pontos positivos da cobertura da Guerra foram os blogs que proporcionaram um escape para os fotógrafos e para o leitor que além de ter acesso a outras imagens jornalísticas também tiveram acesso a imagens de cotidiano da guerra proporcionadas pelos soldados e funcionários de empresas.

Na sua perspectiva, qual o potencial da utilização do ciberespaço e da fotografia digital, amadora ou profissional, na difusão das imagens da Guerra do Iraque face a jornais, revistas e livros, no que diz respeito à difusão e acessibilidade dessa informação?

Nem se discute, a internet é de longe o melhor suporte para difusão de imagem. Acho que a grande diferença entre fotografia jornalística impressa e a disponível na internet não está na imagem em si, mas em seu suporte tecnológico. Ao meu ver o fotojornalismo online proporciona o maior banco de imagens do mundo através das ligações de hipertexto. É difícil não encontrar uma imagem jornalística do James Natchwey ou Cartier Bresson em uma busca pela web.

Você considera que as fotografias na Internet com temas sobre a Guerra do Iraque mostram os diversos lados do conflito?

Eu gostaria de ter visto mais Fotos do lado da resistência Iraquiana.

Como analisa o conteúdo informativo dos trabalhos fotográficos das agências Magnum e VIIPhoto na cobertura de assuntos relacionados com a Guerra do Iraque? Qual a sua opinião sobre a neutralidade ou não desses trabalhos?

¹ Resultado ou consequência.

Não tenho base para responder. Não acompanhei de perto as agências em específico e não me lembro de nada muito relevante.

Na sua opinião, se o leitor acompanhar as fotografias do conflito no Iraque pelos jornais e revistas dos quais tem acesso ou acompanhar pela Internet (agências fotográficas, portfólios de fotojornalistas, sites de jornais online) terá o mesmo tipo de conteúdo informativo?

Acho que a internet terá as mesmas opções e muito mais. Jornais online oferecem uma opção que não tem na versão impressa. As “Galerias” com inúmeras imagens sobre a mesma notícia ou acontecimento.

Como vê o papel das fotografias feitas por amadores como fonte de informação visual a ser utilizada pelos jornais impressos?

Aqui foi onde o jornalismo sentiu sua maior transformação com o advento da tecnologia digital. Apesar da qualidade inferior das fotografias feitas pelos profissionais. Contudo, as fotografias oferecem uma imediatividade e informações superiores à maioria das imagens produzidas pelos fotojornalistas, que geralmente chegam tarde a cena de uma tragédia. As imagens amadoras oferecem uma equivalência a um testemunho ocular dos acontecimentos. Acho que o fotojornalismo amador pode ser uma oportunidade única para o profissional, que tem sua profissão ameaçada, resgatar o fotojornalismo documental ou reportagem e trazer à tona o prestígio perdido nas mudanças que o fotojornalismo enfrenta na contemporaneidade.

Conhece algum caso de fotografias feitas por amadores que foram usadas para divulgar assuntos relacionados com a Guerra do Iraque?

O mais importante foi das torturas e maus tratos das tropas Americanas.

De um modo geral, podemos dizer que na II Guerra Mundial as fotografias carregavam um forte discurso militarista. Por outro lado, na Guerra do Vietnam podemos dizer que o papel se inverteu e o discurso foi a favor das vítimas e consequências. Na sua perspectiva há alguma tendência discursiva possível de se notar nas fotografias encontradas na Internet sobre a Guerra do Iraque?

Acho que a internet tornou o discurso do conflito muito diversificado, vários pontos de vista sobre o assunto podem ser encontrados através de imagens na internet.

Jorge Pedro Sousa, pesquisador e professor da UFP

Perguntas para estudo qualitativo:

1 – Você considera a Guerra do Iraque um acontecimento mediático que ainda interessa às pessoas?

No sentido que ela ainda não acabou sim. A Guerra do Iraque teve um fim oficial quando Bush disse que a guerra tinha acabado, mas na realidade ela ainda não acabou. Evoluiu para um conflito civil, mas que participam também as forças dos EUA. Portanto ela ainda não acabou. Nesse sentido acho que sim, acho que é um acontecimento que merece ainda bastante atenção dos medias e das pessoas.

2 – Na sua perspectiva o leitor interessado na Guerra do Iraque consegue visualizar de forma fácil a história do conflito na Internet?

Algumas coisas sim. A fotografia é um índice do mundo. A fotografia obviamente dá indícios sobre aquilo que se passa no mundo. Pode ser até mais ou menos icônica. Mas ou menos representativa da realidade a que se refere. Todas as abordagem são necessariamente incompletas. Eu acredito que o jornalismo e o fotojornalismo também contribuem para nós conhecermos melhor o mundo, nesse sentido acredito que o fotojornalismo contribui para nós conhecermos melhor a Guerra do Iraque. Mas o fotojornalismo em geral tem as limitações que tem e os seres humanos nas suas relações com a realidade. Portanto não podemos confundir a cobertura de guerra com a imagem exata e total com aquilo que aconteceu ou com que esta a acontecer. Mas sinto-me satisfeito com a ação dos jornalistas. Acho que conhecemos muito mais com os jornalistas presentes de que se não existisse jornalistas. Na Internet na base é a mesma coisa. Mas aquilo que acaba por acontecer com a Internet é que permite muitas fontes alternativas. Isto é, nós temos as imagens na Internet, temos as imagens que existem nos principais meios de comunicação, que inclusive muitas vezes tem mais imagens no seus sites do que aquelas que colocam na versão impressa, portanto isso permite uma multiplicação dos pontos de vista sobre a realidade. Na Internet temos as vezes outros contributos. Contributos de fotojornalistas independentes, freelancer. Contributos de pessoas individuais que colocam fotografias na Internet com valor jornalístico. Neste sentido há uma proliferação dos pontos de vista sobre a realidade e a cobertura no geral é mais perfeita, diríamos assim, se atendéssemos a globalidade das contribuições.

3 – Você considera a tecnologia digital importante para a cobertura jornalística da Guerra do Iraque? O que o leitor ganhou com isso?

A tecnologia digital veio tornar mais fácil a publicação de fotografias, em particular a publicação de fotografias nos próprios meios digitais. Também tornou mais fácil a manipulação de imagens. Aquilo que eu acho que o leitor lucrou, seja na internet, seja dos jornais em papel, foi uma maior rapidez entre o instante do acontecimento e a veiculação de imagens sobre o acontecimento. Também ganhou a possibilidade de mais pessoas poderem fazer fotografias de qualidade e portanto eles poderem oferecer ao leitor no ciberespaço. Fica mais fácil comprar uma câmera digital do que as máquinas fotográficas antigas.

4 – Na sua perspectiva quais os pontos positivos e negativos do uso da fotografia digital para cobertura jornalística dos assuntos relacionados com a Guerra do Iraque?

A fotografia seja ela digital ou analógica é sempre fotografia. Embora a fotografia digital permita ganho de velocidade no essencial ela não é diferente da fotografia analógica. Portanto tudo depende do uso que se faz da fotografia, em particular do fotojornalismo. O uso da tecnologia digital é que pode ser negativo ou positivo. Não a fotografia em si. A fotografia e seu uso jornalístico é positivo em si mesmo, ela se torna negativa quando é usada para fins diferentes daqueles para os quais o jornalismo surgiu e é sua missão e função social.

5 – Na sua perspectiva, qual o potencial da utilização do ciberespaço e da fotografia digital, amadora ou profissional, na difusão das imagens da Guerra do Iraque face a jornais, revistas e livros, no que diz respeito à difusão e acessibilidade dessa informação?

A fotografia digital e a Internet em conjunto facilitam a distribuição de fotografias. Portanto é mais fácil acessar imagens na Internet que os jornais eventualmente nem sequer publicariam. A fotografia digital ligada a internet permite com maior facilidade a multiplicação dos pontos de vista acerca dos mesmo acontecimentos. Nesse sentido é enriquecedora. É polifônica.

6 – Você considera que as fotografias na Internet com temas sobre a Guerra do Iraque mostram os diversos lados do conflito?

Necessitaria de uma pesquisa. Como eu vejo os sites da grande mídia estou um pouco condicionado na resposta, porque vejo essencialmente aquilo que me querem mostrar. Não tenho tanto interesse na Guerra do Iraque, que me leve a dar a pesquisar muitas informação e muitas imagens diferentes sobre esse mesmo acontecimento. Não tenho

grandes possibilidades para responder de forma correta. O que tenho visto nos meios de comunicação, parece-me que o jornalismo fotográfico que é praticado é um jornalismo mais ou menos na altura das circunstâncias. Com todos os limites que lhes são impostos, ou por agentes externos, ou mesmo pela possibilidade de serem vítimas de emboscadas, morrerem, etc. Embora operando com limites os fotojornalistas tem tentado mostrar a guerra tal como ela é. É obvio que não mostram, mas tentam mostrar facetas da guerra tal qual ela é. Facetas da guerra é tudo aquilo que gira em volta dela: a guerra, os atentados, as demonstrações religiosas, as manifestções, a vida de todos os dias.

7 – Como analisa o conteúdo informativo dos trabalhos fotográficos das agências Magnum e VIIPhoto na cobertura de assuntos relacionados com a Guerra do Iraque? Qual a sua opinião sobre a neutralidade ou não desses trabalhos?

Eu penso que eles tentam fazer um fotojornalismo mais profundo. Mais documentarismo. Às vezes suas abordagens seu muito estéticas, às vezes nem tanto. Por vezes são muito estética e embelezam aquilo que é feito. Há várias agências como a Magnum que vivem do contributo de vários fotojornalistas, portanto elas não têm uma visão única sobre os acontecimentos. Eu acredito que no seu conjunto os fotógrafos da Magnum como de outras agências fotográficas tentam mostrar o melhor que podem. Os diversos ângulos do acontecimento, até porque isso faz parte dos valores do jornalismo. Às vezes não conseguem por causa das limitações que já falamos. Estou convencido que a maior parte dos jornalistas tenta dar o melhor de si para tentar mostrar aquilo que realmente se passa debaixo da superfície dos factos. E isso também acontece no fotojornalismo, por exemplo quando fotojornalismo ao invés de mostrar os mortos dos ataques e vai a uma mesquita e fotografa as pessoas, fotografa as pessoas no mercado, as crianças na rua, as estradas que antigamente eram asfaltadas e agora são apenas buracos, lama, quando vão aos hospitais e mostram as carências de equipamento e associam isso a grande interrogação: onde está o dinheiro do Iraque? Fazem um trabalho extramamente positivo em favor da informação, das pessoas, a cerca daquilo que acontece. Acho que as agências, em seu conjunto tentam trabalhar assim. Preciso lembrar que o fotojornalismo não é o mesmo. O fotojornalismo depende de quem fotografa, depende às vezes de cidadãos que fazem fotografias com valor jornalístico. Portanto, há fotojornalistas que tentam transmitir essencialmente visões pessoais a cerca daquilo que acontece e assumem essa tentativa e há outros que não o fazem, que procuram manter uma certa distância em relação aos acontecimentos e ser tendencialmente neutros, ou mais neutro possível. Nem uns nem outros conseguem. Nem consegue o fotojornalista que tenta só mostrar apenas o seu ponto de vista porque está influenciado pela nossa cultura. Basta dizer que ele está influenciado pela forma como culturalmente aprendeu a enquadrar e a compor uma imagem e portanto a partir daí já não é totalmente neutro. Tal como o fotojornalista que tenta ser neutro e não o é exatamente pela mesma ordem de motivos. O que deve ser valorizado é o conjunto dos diferentes contributos. O somatório de ambos os casos é que deve ser um excelente produto. É isso que a internet ajuda. Ajuda a quem procura informação visual, ou de outro tipo, encontrar várias fontes para essa mesma informação.

8 – Na sua opinião, se o leitor acompanhar as fotografias do conflito no Iraque pelos jornais e revistas dos quais tem acesso ou acompanhar pela Internet (agências fotográficas, portfólios de fotojornalistas, sites de jornais online) terá o mesmo tipo de conteúdo informativo?

Tem conteúdos repetidos,mas tem mais conteúdos alternativos na internet. Não tenho dúvida a cerca disso.

9 – Como vê o papel das fotografias feitas por amadores como fonte de informação visual a ser utilizada pelos jornais impressos?

Podem ser relevantes. Os fotojornalistas podem não estar a toda parte. Portanto, as fotografias dos cidadãos com valor jornalístico devem e podem ser aproveitadas. Eu vejo com muito bons olhos a utilização dos materiais dos cidadãos pelos jornais desde que esse material tenha valor jornalístico.

10 – Conhece algum caso de fotografias feitas por amadores que foram usadas para divulgar assuntos relacionados com a Guerra do Iraque?

Já vi em alguns sites. Essencialmente fotografias de atentados e fotografias de soldados. Os próprios soldados que fotografaram a guerra e disponibilizaram essas fotografias na internet. Em alguns casos até como um diário de guerra. E houve casos em que essas fotografias já serviram de provas incriminatória, no caso Abu Ghraib.

11 – De um modo geral, podemos dizer que na II Guerra Mundial as fotografias carregavam um forte discurso militarista. Por outro lado, na Guerra do Vietnam podemos dizer que o papel se inverteu e o discurso foi a favor das vítimas e consequências. Na sua perspectiva há alguma tendência discursiva possível de se notar nas fotografias encontradas na Internet sobre a Guerra do Iraque?

Há tendência para mostrar a guerra pelo lado das vítimas. Não só, porque a faceta militar dos conflitos bélicos, estava e continuará a estar presente. Nunca se perderá. Um conflito bélico envolve militares e portanto mostrar como os militares operam e as consequências que eles sofrem é também uma informação, portanto isso nunca se perderá. O que é um facto é que se tem tentado mostrar a guerra pelo lado das vítimas, mais do que antes. Não quer dizer que

seja uma novidade. Não é uma tendência de agora, já se faz há muito tempo. Mas há tendência de se mostrar mais (vítimas) com a internet e com meios digitais, porque mais gente tem acesso a internet, mais gente pode publicar as fotografias, mais órgãos de comunicação social estão presentes na internet. E sem censura.

João Wainer, editor da revista FOTOSITE

Perguntas para estudo qualitativo:

1 - Você considera a Guerra do Iraque um acontecimento mediático que ainda interessa às pessoas?

Acho que as pessoas estão de saco cheio dessa guerra. Todas as notícias que vejo parecem as mesmas. Parece novela ruim, todo mundo já sabe como vai acabar.

2 - Na sua perspectiva o leitor interessado na Guerra do Iraque consegue visualizar de forma fácil a história do conflito na Internet?

Quem quer entender o que acontece lá consegue. Mas poucos se interessam (pelo menos por aqui no Brasil)

3 - Você considera a tecnologia digital importante para a cobertura jornalística da Guerra do Iraque? O que o leitor ganhou com isso?

A tecnologia digital é importante para qualquer cobertura jornalística, desde os jogos abertos de piracicaba até a guerra no iraque. O leitor ganha agilidade

4 - Na sua perspectiva quais os pontos positivos e negativos do uso da fotografia digital para cobertura jornalística dos assuntos relacionados com a Guerra do Iraque?

Não existem pontos negativos

5 - Na sua perspectiva, qual o potencial da utilização do ciberespaço e da fotografia digital, amadora ou profissional, na difusão das imagens da Guerra do Iraque face a jornais, revistas e livros, no que diz respeito à difusão e acessibilidade dessa informação?

O caso da tortura de Abu Grahib foi significativo em relação a isso.

6 - Você considera que as fotografias na Internet com temas sobre a Guerra do Iraque mostram os diversos lados do conflito?

Acho que não. Os fotógrafos só podem cobrir o conflito sob as asas do exercito americano, pois não ha segurança para uma cobertura independente. Isso deixa tudo nebuloso e tendencioso

7 - Como analisa o conteúdo informativo dos trabalhos fotográficos das agências Magnum e VIPhoto na cobertura de assuntos relacionados com a Guerra do Iraque? Qual a sua opinião sobre a neutralidade ou não desses trabalhos?

Neutralidade sim, mas com dificuldades claras para acessar o "outro lado"

8 - Na sua opinião, se o leitor acompanhar as fotografias do conflito no Iraque pelos jornais e revistas dos quais tem acesso ou acompanhar pela Internet (agências fotográficas, portfólios de fotojornalistas, sites de jornais online) terá o mesmo tipo de conteúdo informativo?

Não. os jornais abordam de maneira mais superficial

9 - Como vê o papel das fotografias feitas por amadores como fonte de informação visual a ser utilizada pelos jornais impressos?

Os amadores serao resposaveis pelos grandes registros de flagrantes no jornalismo daqui em diante, pois estao em todos os lugares armados de pequenas cameras digitais, mas nao vao tirar o emprego de nehum fotojornalista por isso. A sorte vai causar isso

10 - Conhece algum caso de fotografias feitas por amadores que foram usadas para divulgar assuntos relacionados com a Guerra do Iraque?

As fotos dos celulares dos soldados de Abu Grahib

11 - De um modo geral, podemos dizer que na II Guerra Mundial as fotografias carregavam um forte discurso militarista. Por outro lado, na Guerra do Vietnam podemos dizer que o papel se inverteu e o discurso foi a favor das vítimas e consequências. Na sua perspectiva há alguma tendência discursiva possível de se notar nas fotografias encontradas na Internet sobre a Guerra do Iraque?

Só o fato de que jornalistas tem de trabalhar obrigatoriamente embutidos nas tropas americanas, o que torna a cobertura parcial.

Entrevista: Juca Varella – Editor de Fotografia do jornal O Estado de S.Paulo.

Realizada por e-mail (24.03.2009)

Qual equipamento você tinha em mãos para trabalhar? Quantas máquinas digitais, quais modelos, telefone por satélite para conexão. Poderia descreve-los?

Levei duas Canon DCS 520, duas 24-70mm, uma 70-200, uma 14mm, uma 300mm 2.8 e uma 500mm 4.0, um *teleconverter* 1.4, dois flashes. Aluguei em Londres um satelital *Inmarsat* para dados e voz. Foi com esse equipamento que comunicávamo-nos com o Brasil, informávamo-nos via Internet e transmitíamos nossas matérias. Esse equipamento foi mantido escondido por nós em um duto de ventilação em nosso apartamento no Palestine (apto 1104), no 11º andar, durante toda a cobertura.

Os ataques começaram na madrugada do dia 20. Ainda deu tempo de sair na capa da Folha do dia 20 mesmo?

Começaram às 5h30 horário local, do dia 20 de Março. No Brasil eram 23h30 do dia 19 de Março. A Folha publicou na primeira página do dia 20. Embargaram² a foto e por isso ela não foi vendida pela Folhapress³.

Quanto tempo levou para enviar as fotos depois de feitas?

Os ataques começaram às 5h30, eu fui para varanda do Palestine e o dia estava clareando. Depois de uns 15 minutos de ataque eu consegui aquela foto que você conhece. Como era a melhor que eu tinha feito até então, conectei meu notebook Macintosh ao satelital e comecei a transmissão. Do momento que fiz a foto até que ela chegasse à redação não demorou mais do que uns 10 minutos. Continuei fotografando mas não consegui nada melhor. O primeiro ataque durou uns 40 minutos, não mais do que isso. Depois parou, o dia raiou e fomos ao Ministério da Informação cuidar da nossa credencial e aprender como trabalhar sob supervisão do ainda em pé regime de Saddam Hussein.

Saberia estimar quantos jornalistas no total tinham no Palestine quando os ataques começaram?

Sei sim. Antes do ultimato do Bush, que aconteceu 48 horas antes do início da guerra, havia cerca de 2 mil jornalistas estrangeiros em Bagdá, hospedados em vários hotéis. Depois do aviso de Bush pedindo que jornalistas, diplomatas e integrantes de organizações humanitárias internacionais deixassem o país pois suas vidas correriam perigo, esse número baixou para 180. Como a CNN se mudou do Al-Rashid para o Palestine, dizendo que aquele hotel era alvo, TODOS os jornalistas remanescentes se mudaram para lá também. Nós chegamos à Bagdá na noite do dia 19, por volta das 22h00 e fomos para o Al-Rashid. Estava completamente vazio... deserto de meter medo. Um jornalista italiano que voltou para pegar suas coisas nos avisou para irmos rapidamente para o Palestine por que os jornalistas estavam reunidos lá. Foi o que fizemos. Alguns dias depois o Al-Rashid foi bombardeado violentamente.

A fotografia feita nessa madrugada tem um forte valor jornalístico e histórico por mostrar o início do conflito. Pelo que se sabe, apenas 3 fotógrafos fizeram-na. Um deles é o Patrick Baz da AFP. Você tinha conhecimento disso?

Pois é ... a foto dele correu o mundo. A minha ficou pelos rincões da [Alameda] Barão de Limeira e alguns bairros de São Paulo. Mas não me importo. O legal é saber que, assim como ele, eu também estava no lugar certo e na hora certa, e não protegido no *bunker* do Palestine como a grande maioria dos jornalista estava.

² O termo significa que a foto era exclusiva para uso do jornal e não poderia ser comercializada.

³ Agência de notícia do grupo Folha que comercializa fotografias, entre outros produtos.